

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 3

UMA LOUCURA
& nada mais



Título original: *The Escape*

Copyright © 2014 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com a Maria Carvainis Agency, Inc. e a Agência Literária Riff Ltda.

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Dell Books, marca da Random House Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc., Nova York.

tradução: Lúcia Brito

preparo de originais: Fernanda Martins

revisão: Rebeca Bolite e Sheila Louzada

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Alexey Kazantsev / Trevillion Images (foto);
Lisla / Shutterstock (fundo); Annie Sauvage (ornamento camafeu)

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B156L Balogh, Mary
Uma loucura e nada mais/ Mary Balogh; tradução de Lúcia Brito.
São Paulo: Arqueiro, 2019.
272 p.; 16 x 23 cm. (Clube dos Sobreviventes ; 3)
Tradução de: The escape
Sequência de: Um acordo e nada mais
Continua com: Uma paixão e nada mais
ISBN 978-85-8041-973-3
1. Ficção americana. I. Brito, Lúcia. II. Título. III. Série.

19-56551

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Melanie McKay

Que arrematou o pacote que doei para o leilão da Charity Royale em Regina, Saskatchewan, Canadá. A quantia obtida com as vendas foi doada para o My Aunt's Place, um abrigo para mulheres e crianças.

Um item do pacote era o direito de ter o nome usado em uma personagem de meu próximo livro. Melanie perguntou se poderia ser o nome da irmã em vez do dela.

Minha heroína neste livro é, portanto, Samantha McKay.

CAPÍTULO 1



Já era quase meia-noite, mas ninguém fazia a mais vaga menção de ir para a cama.

– Vai ficar tudo muito silencioso por aqui depois que partirmos, George – comentou Ralph Stockwood, conde de Berwick.

– Ficaré silencioso, com certeza. – O duque de Stanbrook observou o círculo de seis convidados reunidos na sala de estar de Penderris Hall, sua casa de campo na Cornualha, e olhou carinhosamente para cada um deles antes de prosseguir: – E sossegado também, Ralph. Mas vou sentir uma falta terrível de todos.

– Você vai d-dar graças aos céus, George, assim que se der conta de que ficará um ano inteiro sem ter que ouvir Vince arranhar o v-violino – disse Flavian Arnott, visconde de Ponsonby.

– E que os gatos vão parar de miar desesperados ao som da minha música – acrescentou Vincent Hunt, visconde de Darleigh. – Esqueceu isso, Flave. Não precisa levar meus sentimentos em consideração.

– Está tocando com muito mais competência do que no ano passado – garantiu Imogen Hayes, lady Barclay. – Não tenho dúvida de que no ano que vem terá melhorado ainda mais. Você é um prodígio e uma inspiração para todos nós.

– Talvez eu até dance uma de suas músicas qualquer dia desses, Vince, desde que não seja muito agitada.

Sir Benedict Harper olhou com tristeza para as duas bengalas apoiadas no braço da poltrona.

– Você por acaso não nutre alguma esperança de que todos nós decidamos ficar por mais um ou dois anos em vez de irmos embora amanhã,

George? – perguntou Hugo Emes, lorde Trentham, soando quase melancólico. – Nunca vi três semanas passarem tão rápido. Chegamos aqui, piscamos e já é hora de nos separarmos de novo.

– George é e-educado demais para um não categórico, Hugo – disse Flavian. – Mas a vida nos chama, infelizmente.

Os sete membros do autointitulado Clube dos Sobreviventes estavam um tanto emotivos. Tinham passado alguns anos ali em Penderris, recuperando-se dos ferimentos sofridos nas Guerras Napoleônicas. Embora cada um tivesse travado uma batalha solitária durante a recuperação, também haviam se ajudado e amparado uns aos outros e ficado tão íntimos quanto irmãos – e irmã. Quando chegou a hora de partir para começarem vidas novas ou recuperarem as antigas, deixaram Penderris com um misto de entusiasmo e ansiedade. A vida era para ser vivida, todos haviam concordado quanto a isso, mas o casulo em que estiveram envoltos por tanto tempo os mantivera seguros e até felizes. Decidiram que voltariam à Cornualha todo ano, por algumas semanas, para manter a amizade, compartilhar as experiências vividas além dos limites familiares de Penderris e ajudar em qualquer dificuldade que surgisse na vida de algum deles.

Aquele era o terceiro encontro. Mas agora, só dali a um ano, pois estava encerrado; quer dizer, estaria pela manhã.

Hugo se levantou e começou a se alongar, ampliando seu já impressionante físico, que não tinha nada a ver com gordura. Ele era o mais alto, o mais robusto e o de aspecto mais ameaçador, com o cabelo bem curto e a testa frequentemente franzida.

– O terrível é que não desejo pôr fim a nada disso – disse ele. – Mas, como quero sair de manhã cedo, é melhor eu ir para a cama.

Foi o sinal para todos se levantarem. A maioria faria longas jornadas e pretendia partir no início do dia.

Sir Benedict foi o último a se levantar. Teve que colocar as bengalas ao lado do corpo, passar os braços pelas alças que tinha improvisado e depois se erguer dolorosamente. Qualquer um dos amigos ficaria feliz em ajudá-lo, é claro, mas sabiam que não seria uma boa ideia. Eram todos ferrenhamente independentes, apesar de suas várias deficiências. Vincent, por exemplo, deixaria a sala e subiria até seu quarto sem ajuda, apesar de cego. Por outro lado, todos esperariam o amigo mais lento e acompanhariam seus passos escadas acima.

– M-muito em breve, Ben, você conseguirá fazer isso em menos de um minuto – disse Flavian.

– Melhor do que em dois, como no ano passado – disse Ralph. – Aquilo era realmente cansativo, Ben.

Eles *não* resistiam à vontade de provocar Ben, exceto, talvez, Imogen.

– Dois minutos já é uma marca impressionante para quem ouviu que deveria ter as duas pernas amputadas para não morrer – disse ela.

Hugo interrompeu o alongamento para observar:

– Você está deprimido, Ben.

Benedict voltou o olhar para Hugo.

– Só estou cansado. Já está tarde, e estamos no momento errado da nossa estada de três semanas. Detesto despedidas.

– Não, é mais que isso, Ben – disse Imogen. – Hugo não foi o único a notar. *Todos nós* notamos, mas não abordamos o assunto em nossas reuniões noturnas.

Eles ficaram acordados até tarde na maioria das noites daquelas três semanas, como faziam todo ano, compartilhando algumas de suas preocupações e inseguranças mais profundas – e triunfos. Guardavam poucos segredos uns dos outros. Mas sempre havia algum, é claro. A alma jamais pode ser totalmente desnudada a outra pessoa, por maior que seja a amizade. Ben mantivera a alma fechada naquele ano. *Estivera* deprimido. Ainda estava. Contudo, estava aborrecido por não ter escondido melhor seu estado de espírito.

– Talvez estejamos nos intrometendo onde nem ajuda nem solidariedade são desejadas – disse o duque. – Estamos, Benedict? Ou devemos nos sentar de novo e conversar?

– Depois de eu ter feito um esforço hercúleo para me levantar? E quando todos estão prontos para ir para a cama de forma a estarem revigorados e bonitos pela manhã?

Ben deu risada, mas ninguém mais achou engraçado.

– Você *está* deprimido, Ben – disse Vincent. – Até eu notei.

Os outros se sentaram de novo, e, com um suspiro, Ben voltou ao próprio assento. Quase havia se safado.

– Ninguém quer ser resmungão – disse ele. – Resmungões são um tédio.

– Concordo. – George sorriu. – Mas você nunca foi resmungão, Benedict. Nenhum de nós foi. Outros não teriam aguentado. Reconhecer pro-

blemas e pedir ajuda ou um ouvido amigo não é resmungar. É simplesmente recorrer à solidariedade de pessoas que sabem quase exatamente o que você está sentindo. Suas pernas estão doendo?

– Nunca estou livre de um pouco de dor – disse Ben, sem negar o fato. – Pelo menos me lembra que ainda tenho pernas.

– Mas...?

George não havia lutado nas Guerras Napoleônicas, embora tivesse sido oficial das forças armadas. Contudo, seu único filho havia lutado e acabara morrendo em Portugal. Não muito depois, sua esposa, mãe do rapaz, talvez assolada pela tristeza, havia se atirado para a morte de um penhasco dentro da propriedade. Quando abriu a casa para os seis, bem como para outras pessoas, George estava tão ferido quanto eles. Provavelmente ainda estava.

– Vou conseguir andar. Eu já *ando*, mesmo que do meu jeito. E um dia vou dançar.

Ben sorriu com tristeza. Era o que dizia, e os outros o provocavam.

Não dessa vez.

– Mas...? – foi a vez de Hugo indagar.

– Mas nunca será como antes – disse Ben. – Eu já sabia disso há muito tempo. Seria um tolo se não soubesse. Mas levei seis anos para encarar o fato de que jamais darei mais do que poucos passos sem minhas bengalas, no plural, e que mesmo com elas nunca mais me movimentarei com agilidade. Nunca mais terei de volta a vida que levava. Serei para sempre um aleijado.

– Uma palavra dura – disse Ralph, franzindo o cenho. – E um pouco derrotista, talvez?

– É a pura verdade – continuou Ben, com firmeza. – É hora de aceitar a realidade.

George repousou os cotovelos nos braços da poltrona e uniu a ponta dos dedos.

– E aceitar a realidade envolve desistir e se chamar de aleijado? – perguntou o duque. – Benedict, você jamais teria se levantado da cama se tivesse pensado dessa forma desde o início. Na verdade, teria permitido que os cirurgiões do exército amputassem suas pernas.

– Admitir a verdade não significa desistir – replicou Ben. – Significa avaliar a realidade e ajustar minha vida de acordo com ela. Eu era um oficial

de carreira e nunca imaginei outra vida. Eu *não queria* outra vida. Chegaria a general. Nos últimos tempos, estava vivendo e lutando pelo dia em que teria minha antiga vida de volta. Só que isso não vai acontecer. Nunca. É hora de admitir abertamente e lidar com isso.

– Não conseguiria ser feliz com uma vida fora do exército? – perguntou Imogen.

– Ah, conseguiria – garantiu-lhe Ben. – Claro que conseguiria. E farei isso. Só que passei seis anos negando a realidade, e o resultado é que agora não tenho ideia do que o futuro me reserva. Ou do que quero do futuro. Desperdicei esses anos sonhando com um passado que ficou para trás e que não voltará. Entendem? Estou me lamuriando enquanto vocês todos já poderiam estar dormindo em paz.

– P-prefiro estar aqui – disse Flavian. – Se algum dia um de nós sair daqui infeliz porque não conseguiu confiar nos demais, então será melhor p-parar de vir. Afinal de contas, George mora nos confins da Cornualha. Quem v-iria só pela paisagem?

– Ele está certo, Ben. – Vincent deu um sorriso irônico. – *Eu* não viria pela paisagem.

– Você não voltará para casa quando for embora, Ben – disse George.

Foi uma afirmação, não uma pergunta.

– Beatrice, minha irmã, precisa de companhia – explicou Ben, dando de ombros. – Ela teve um resfriado que persistiu durante todo o inverno e só agora, com a primavera, está recuperando as forças. Não se sente em condições de ir para Londres com Gramley, que irá depois da Páscoa para a abertura do Parlamento. E os meninos estarão na escola.

– A condessa de Gramley tem sorte por ter um irmão tão prestativo – disse o duque.

– Sempre fomos muito próximos – disse Ben.

Mas ele não respondera à pergunta implícita de George. E, como a resposta tinha bastante a ver com a depressão notada pelos amigos, sentiu-se obrigado a responder. Flavian estava certo. Se não conseguissem dividir seus problemas uns com os outros, a amizade e os encontros perderiam o sentido.

– Sempre que vou a Kenelston, Calvin não me deixa fazer nada – disse ele. – Não quer que eu ponha os pés no escritório, que fale com o administrador das minhas propriedades nem que visite minhas fazendas.

Insiste em fazer tudo sozinho. Está sempre alegre e disposto. É como se acreditasse que meu cérebro ficou tão danificado quanto minhas pernas. E Julia, minha cunhada, me paparica o tempo inteiro, ao ponto de abrir caminho quando saio dos meus aposentos. As crianças têm permissão para correr pela casa, e correm, derrubando objetos por onde passam. Julia dá ordens para que sirvam minhas refeições em meus aposentos a fim de que eu não tenha que me esforçar em descer até a sala de jantar. Ela... Na verdade, os dois quase me sufocam de gentilezas até o momento de eu partir de novo.

– Ah – disse George. – Agora chegamos ao cerne da questão.

– Eles realmente têm medo de mim – disse Ben. – Morrem de ansiedade sempre que estou lá.

– Ouso dizer que seu irmão caçula e a esposa se acostumaram a pensar em sua casa como propriedade deles durante os anos que você passou aqui como paciente e depois como convalescente – disse George. – Mas já faz três anos, Benedict.

Por que naquela ocasião não havia tomado posse de sua casa e de alguma forma forçado o irmão a fazer outro arranjo para a própria família? Essa era a pergunta implícita. O problema era que Ben não tinha uma resposta a não ser procrastinação. Ou total e completa covardia. Ou... algo mais.

Ele suspirou.

– Família é uma coisa complexa.

– É, sim – concordou Vincent com fervor. – Eu o entendo, Ben.

– Meu irmão mais velho e Calvin sempre foram muito próximos – explicou Ben. – Era quase como se eu, enfiado no meio, não existisse. Não que houvesse alguma hostilidade, era apenas... indiferença. Eu era irmão deles, eles eram meus irmãos, e era isso. Wallace só estava interessado em um futuro na política e no governo. Sempre morou em Londres, tanto antes quanto depois da morte do nosso pai. Ao herdar o baronato, deixou muito claro que não estava nem um pouco interessado em morar em Kenelston ou administrar a propriedade. Uma vez que Calvin estava interessado nas duas coisas, e também se casou cedo e formou uma família, os dois chegaram a um acordo que lhes proporcionaria satisfação mútua. Calvin viveria na casa e administraria a propriedade mediante uma remuneração; Wallace pagaria as contas e gozaria dos rendimentos, mas não precisaria se incomodar em cuidar do local. Calvin não *imaginava*, nenhum de nós *imaginava*,

que uma carroça carregada caísse sobre Wallace perto de Covent Garden e o matasse na mesma hora. Foi terrível demais. Aconteceu um pouco antes de eu ser ferido. Ninguém esperava que eu sobrevivesse. Mesmo depois de eu ser trazido de volta para a Inglaterra e para cá, não esperavam que eu resistisse. *Você não esperava, George, estou certo?*

– Pelo contrário – respondeu o duque. – Assim que o vi, Benedict, no primeiro dia, logo que cheguei aqui, eu soube que você era teimoso demais para morrer. Quase lamentei por isso. Nunca vi ninguém sentir tanta dor. Então seu irmão caçula concluiu que o título, a fortuna e Kenelston seriam inteiramente dele?

– Deve ter sido um duro golpe saber que não morri – disse Ben com um sorriso triste. – Tenho certeza de que ele nunca me perdoou, embora isso o faça parecer uma pessoa ruim, e não é o caso. Quando estou longe de casa, pode viver como sempre viveu desde a morte de nosso pai. Quando estou lá, sem dúvida se sente ameaçado... e com toda razão. Afinal, por lei, é tudo meu. E se Kenelston não pode ser minha casa, *onde* será?

Era a pergunta que o atormentava havia três anos.

– Minha casa está cheia de mulheres que me amam loucamente – disse Vincent. – Elas respirariam por mim, se pudessem. Fazem todo o resto, ao que parece. E já ouvi rumores de que logo tentarão empurrar possíveis noivas para cima de mim, porque um cego precisa de uma esposa para segurar sua mão pelos anos de escuridão que lhe restam. Minha situação é um pouco diferente da sua, Ben, mas há semelhanças. Em algum momento terei que ser incisivo e assumir meu papel de senhor da casa. O problema é como fazer isso. Como falar firme com as pessoas que amamos?

Ben suspirou e depois deu uma risadinha.

– Tem toda razão, Vince – disse ele. – Talvez eu e você sejamos uma dupla de fracotes. Mas Calvin tem uma esposa e quatro filhos para sustentar, enquanto eu não tenho ninguém. E é meu irmão. Eu gosto dele, mesmo que nunca tenhamos sido próximos. Foi o puro acaso que fez dele o terceiro filho e de mim o segundo.

– Você se sente culpado por ter herdado o baronato, Ben? – perguntou Flavian.

– Jamais esperei, entende? – explicou Ben. – Não havia ninguém mais forte ou mais cheio de vida que Wallace. Além disso, nunca quis ser nada além de oficial do exército. Com certeza nunca esperei ser dono de Kenels-

ton. Mas agora sou, e às vezes acho que simplesmente poderia ir para lá e me responsabilizar pela administração da propriedade. Talvez enfim me sentisse parte dela e conseguisse ser feliz para sempre.

– Mas sua casa está ocupada por outras pessoas – disse Hugo. – Se você quisesse, Ben, eu iria até lá e mandaria todos embora. Faria uma cara feia, posaria de durão, e eles dariam o fora sem nem protestar. Mas não é o caso, é?

Ben juntou-se à gargalhada geral.

– A vida era mais simples no exército – disse ele. – A força bruta resolvia todos os problemas.

– Até Hugo p-perder a cabeça, Vince perder a visão, e todos os o-ossos de suas pernas serem esmagados, Ben, para não mencionar a maioria dos ossos no resto do seu corpo – disse Flavian. – E Ralph teve todos os amigos varridos do m-mapa e a bela aparência arruinada quando fizeram um talho em seu rosto, e Imogen foi forçada a tomar uma d-decisão que ninguém deveria ter que tomar e viver com as consequências p-para sempre. E George perdeu tudo que lhe era mais precioso, mesmo sem sair de Penderris. E metade das p-palavras que quero falar ficam presas no meio do caminho, como se algo no meu cérebro precisasse d-de óleo.

– Certo – disse Ben. – Guerra não é a solução. A vida só parecia mais simples naqueles dias. Mas estou privando vocês do sono da beleza. Em breve vão desejar que eu vá para o inferno. Sinto muito, não tinha a intenção de descarregar em vocês todos esses problemas mesquinhos.

– Fez isso porque insistimos, Benedict – lembrou-lhe Imogen. – E porque é para isso que nos reunimos aqui todos os anos. Infelizmente, não conseguimos lhe oferecer uma solução. Exceto a oferta de Hugo de expulsar seu irmão e a família dele da casa, que, ainda bem, foi uma brincadeira.

– Mas não tem importância, não é, Imogen? – disse Ralph. – Ninguém pode resolver o problema do outro. Mas sempre ajuda desabafar com quem *realmente* ouve e sabe que respostas simplistas são inúteis.

– Então você está deprimido, Benedict – disse o duque. – Em parte porque aceitou a natureza permanente das limitações de seu corpo mas ainda não sabe aonde essa aceitação o levará, e em parte porque ainda não aceitou que deixou de ser o irmão do meio e passou a ser o mais velho, com decisões a tomar sobre assuntos com os quais nunca imaginou lidar. Não temo que se desespere. Não é da sua natureza. Acredito que meus ouvidos ainda

zumbem por causa dos palavrões que você berrava quando a dor ameaçava superar sua resistência, nos primeiros dias. Naquela ocasião, você só teria alcançado a paz da morte se tivesse tido o bom senso de entrar em desespero. Então, daqui, só pode seguir para cima. Talvez tenha ficado em um platô por muito tempo, e sair dele pode ser amedrontador. Mas também pode ser um desafio empolgante.

– Você ensaiou esse discurso o d-dia todo, George? – perguntou Flavian.

– Acho que devemos aplaudir de pé.

– Foi bastante espontâneo, garanto – disse o duque. – Mas fiquei muito satisfeito. Não tinha percebido que era tão sábio. Nem tão eloquente. Deve estar na hora de ir para a cama.

Ele riu com os demais.

Ben apoiou as bengalas no chão e executou o lento e complicado processo de se levantar enquanto todos o aguardavam, já de pé.

Nada havia mudado na última hora, pensou ele, enquanto seguia vagarosamente para o quarto, Flavian ao seu lado e os outros um pouco à frente. Nada tinha sido resolvido. Mas, de alguma forma, ele se sentia mais animado, ou talvez simplesmente mais esperançoso. Agora que dissera em voz alta que suas deficiências eram permanentes e que precisaria construir uma vida inteiramente nova, Ben se sentiu mais capaz de *fazer* algo, de criar um futuro novo e significativo, mesmo que não tivesse ideia de qual seria.

Pelo menos o futuro imediato estava resolvido e não envolvia uma daquelas visitas cada vez mais constrangedoras e deprimentes à própria casa.

No dia seguinte, partiria para o condado de Durham, no norte da Inglaterra, onde passaria algum tempo com a irmã. Estava ansioso. Beatrice, cinco anos mais velha, sempre fora sua irmã favorita. Enquanto estivesse com ela, refletiria sobre o que fazer com o resto de sua vida.

Traçaria alguns planos, tomaria algumas decisões. Algo definitivo, interessante e desafiador. Algo para tirá-lo da depressão que pairava sobre ele como uma nuvem cinzenta fazia tanto tempo.

Não ficaria mais à deriva.

Havia algo de divertido na ideia de que cabia a ele decidir o que fazer do resto da própria vida.

CAPÍTULO 2



Samantha McKay estava inquieta. Parada diante da janela da sala de estar em Bramble Hall, sua casa no condado de Durham, tamborilava os dedos no peitoril. A cunhada estava deitada no divã do quarto no andar de cima, debilitada mais uma vez por uma dor de cabeça fortíssima. Matilda nunca tinha dores de cabeça comuns. Eram sempre dores de cabeça *fortísimas* ou enxaquecas, às vezes ambas.

Meia hora antes, estavam ali sentadas, muito amistosamente, Samantha bordando e Matilda consertando a barra de renda de uma toalha de mesa. Samantha comentou sobre o belo dia que enfim estava fazendo, ainda que o sol não estivesse brilhando. Em tom casual, sugeriu que dessem uma caminhada. Quase se acovardou e deixou por isso mesmo, mas insistiu. Talvez, sugeriu, hoje devessem passar dos limites do parque. Embora o terreno em volta da casa fosse chamado de parque, a palavra glamourizava o que de fato era apenas um grande jardim. Era perfeitamente adequado para um passeio tranquilo entre os canteiros de flores ou para se sentar ao ar livre em um dia quente, mas não tinha extensão suficiente para um exercício de verdade.

E um exercício de verdade era o que Samantha desejava mais do que qualquer outra coisa. Se não saísse logo da casa e do jardim e caminhasse, caminhasse *de verdade*, iria... ah, iria gritar ou se atirar no chão e sapatear e fazer um chiliue fenomenal. Quer dizer, *sentiria vontade* de fazer todas essas coisas, embora provavelmente não fosse fazer *nada* mais extravagante do que suspirar, ansiar e maquinar. Todavia, estava quase desesperada.

Matilda, como era de esperar, fez uma cara de reprovação, para não dizer de choque e tristeza. Não era – ou pelo menos foi o que explicou – que

também não sentisse necessidade de uma boa caminhada. Entretanto, uma verdadeira dama tinha que aprender a dominar seus desejos mais básicos quando em luto profundo. Uma verdadeira dama se mantinha decentemente confinada em casa e tomava ar na privacidade do próprio jardim, protegida por muros dos olhos críticos dos intrusos. Não era nada apropriado que uma dama de luto fosse vista se *divertindo*. Ou simplesmente fosse vista, exceto por parentes próximos, por criados dentro de casa e por vizinhos na igreja.

O capitão Matthew McKay, irmão de Matilda e marido de Samantha por sete anos, morrera quatro meses antes de Matilda proferir esse discurso. Morrera após padecer por cinco anos dos ferimentos sofridos como oficial durante as Guerras Peninsulares. Precisara de cuidados constantes durante aqueles anos, ou melhor, *exigira* cuidados constantes, e o papel de enfermeira recaía quase que exclusivamente sobre Samantha, já que ele não admitia mais ninguém no quarto, exceto o valete e o médico. Ela mal sabia o que era dormir uma noite inteira ou ter mais de uma hora fora do quarto do doente durante o dia. Raramente tinha a oportunidade de sair para além dos muros do jardim. Até mesmo um passeio no jardim era um prazer raro.

Matilda chegara a Bramble Hall para os últimos meses de vida do irmão, depois de Samantha escrever ao sogro – o conde de Heathmoor, em Leyland Abbey, Kent – informando que o médico acreditava que o fim estava próximo. Mas o peso dos cuidados não foi aliviado dos ombros de Samantha, por um lado porque naquele momento Matthew realmente precisava dela, e, por outro, porque ele não suportava Matilda e lhe dizia sem rodeios que desse o fora do quarto e mantivesse sua cara feia fora de vista.

Samantha estava muito perto do colapso quando Matthew morreu. Estava exausta, entorpecida e desanimada. A vida parecia vazia e sem cor. Não tinha vontade de fazer nada, nem de se levantar pela manhã, nem de se vestir, nem de pentear o cabelo. Nem mesmo de comer. Não era de admirar que tivesse permitido que Matilda se encarregasse de tudo, embora tivesse escrito para o sogro uma hora após a morte do marido.

Matilda insistira em que o luto pelo segundo filho do conde de Heathmoor fosse de acordo com as mais estritas regras de decoro, embora não houvesse necessidade de insistir – Samantha não protestou. Não lhe ocorreu que pudesse fazer isso nem que as regras de Matilda fossem excessivas e opressivas. Ela se permitiu ser paramentada da cabeça aos pés com o que

certamente devia ser o mais pesado e soturno vestuário de luto já confeccionado. Tampouco insistiu em ser medida para as roupas novas. Permitiu-se ficar enclausurada em casa, as cortinas das janelas abertas apenas até a metade, em respeito ao morto. Permitiu que Matilda desencorajasse as visitas que vieram prestar condolências de aparecer de novo e que recusasse todos os convites feitos a elas, mesmo para o mais sóbrio e respeitável dos encontros sociais.

Samantha não sentia falta de frequentar a sociedade composta por seus vizinhos pelo motivo óbvio de nunca ter se relacionado com eles. Mal os conhecia, apenas acenos de cabeça na igreja nas manhãs de domingo. Ela vivia em Bramble Hall havia cinco anos, e quase todos os momentos daqueles anos foram dedicados a cuidar de Matthew.

Durante quatro meses, não se preocupara com nada além do enorme torpor e exaustão. Para falar a verdade, ficara feliz por Matilda estar lá para se encarregar de tudo que precisava ser feito, embora, assim como o marido, nunca tivesse gostado da cunhada.

Mas o torpor e a exaustão só poderiam durar certo tempo. Depois de quatro meses, a vida se reafirmava. E Samantha estava inquieta. Estava pronta para se desfazer da letargia. Precisava sair – da casa, do parque. Precisava caminhar. Precisava respirar ar de verdade.

Ela olhou para fora tamborilando os dedos, depois olhou para seus trajes de viúva e fez uma careta. Sentia cada costura mal ajustada como um peso físico. Havia tentado argumentar com Matilda mais cedo. Com certeza, dissera, seria inofensivo sair para uma caminhada por trilhas que raramente eram percorridas. E, mesmo que encontrassem alguém, essa pessoa não pensaria mal delas por passearem tranquilamente em torno da própria casa. Sem dúvida, quem quer que fosse não se apressaria a espalhar pela vizinhança a notícia de que a viúva e a cunhada estavam se divertindo, comportando-se com terríveis leviandade e desrespeito pelo morto.

Será que ela havia mesmo esperado arrancar um sorriso de Matilda com o exagero? Será que Matilda havia sorrido *alguma vez*? O que Matilda fez foi cravar um olhar de pedra na cunhada sorridente, largar acintosamente o conserto inacabado e anunciar que estava com uma dor de cabeça fortíssima, pela qual esperava que Samantha estivesse satisfeita. E retirou-se para o quarto, para se deitar por uma ou duas horas.

Samantha achava bom Matilda nunca ter se casado. Assim, algum pobre homem fora salvo de uma vida de sofrimento abjeto. Nem se sentiu culpada pelo pensamento insensível.

Ao olhar para as roupas pretas, encontrou também a expressão ansiosa e esperançosa de um grande cão peludo marrom de raça indeterminada, um vira-lata que surgira em sua porta havia dois anos parecendo um esqueleto desengonçado e ali fixara residência após ela o alimentar por pena e depois tentar afugentá-lo. Ele recusou-se firmemente a ser enxotado e de alguma forma, por meios que estavam além da compreensão ou do controle de Samantha, fixou residência *dentro* da casa e ficou mais encorpado e com o pelo mais grosso e desgrenhado, mas nunca macio, brilhante ou gracioso como o de um cão que se preze. Estava sentado aos pés de Samantha agora, o rabo batendo no assoalho, a língua pendurada, os olhos lhe implorando para por favor, *por favor*, fazer alguma atividade com ele.

Às vezes Samantha sentia que o cão era o único ponto iluminado de seu mundo.

– Você iria passear comigo se eu pedisse, não iria, Tramp? – perguntou ela. – Apesar da respeitabilidade?

Foi uma pergunta fatal – continha uma palavra que começava com a letra “p”. Na verdade, continha mais de uma, mas uma delas também tinha as letras a-s-s-e-a-r. Tramp ficou de pé com seu jeito desengonçado de sempre, soltou um ganido agudo como se na ilusão de que ainda era um filhote, arfou ruidosamente como se tivesse acabado de correr 1 quilômetro à velocidade máxima e continuou a olhar esperançoso para ela.

– Como sua resposta poderia ser diferente de sim? – Ela riu e deu um tapinha na cabeça dele. Mas Tramp não queria saber de um afago tão leve. Girou a cabeça para primeiro poder babar na mão dela e depois expor o pescoço para uma boa coçada. – E por que não? Por que *nunca*, Tramp?

Estava claro que Tramp não conseguia pensar em nenhuma razão para se privarem simplesmente por causa da dor de cabeça fortíssima de lady Matilda McKay e de noções estranhas sobre ar e exercício e a correta etiqueta de luto. Ele caminhou desajeitadamente até a porta e olhou para a maçaneta.

Era impróprio para uma dama ir sozinha além dos limites de seu parque – mesmo quando *não* estava de luto. Pelo menos era o que Samantha aprendera durante o ano que havia passado em Leyland Abbey enquan-

to Matthew estava na Península com o regimento. Essa era apenas uma das muitas regras enfadonhas para ser uma dama que o sogro se sentira incumbido a ensinar para a mulher com quem o filho se casara contra a vontade dele.

Bem, ela não tinha escolha. Matilda estava estirada no divã no andar de cima e, de qualquer maneira, não a teria acompanhado – para começar, a ideia da caminhada é que a levava para o divã. Se Samantha colocasse um dedo além do limite do parque e Matilda e o conde de Heathmoor descobrissem... bem, mesmo que ela cavasse um buraco até a China e desaparecesse, não escaparia da ira deles. E o conde *saberia* se Matilda descobrisse. Havia muitos quilômetros de campo entre o condado de Durham, no norte da Inglaterra, e Kent, no sul, mas aquela distância era vencida algumas vezes toda semana por mensageiros que transportavam as cartas de Matilda para casa e as cartas do conde para Bramble Hall.

Por que ela havia permitido que isso acontecesse?, perguntou Samantha a si mesma. Estava começando a se sentir prisioneira na própria casa, sob a guarda de uma espiã desprovida de humor. Matthew não teria tolerado isso. Ele havia exercido uma espécie de tirania sobre ela, mas não como a do pai dele. Ele odiava o pai.

– Bem – disse Samantha –, como fiz a bobagem de falar a palavra proibida, Tramp, seria uma crueldade desapontar você. E seria a maior das crueldades me desapontar.

Tramp balançou o rabo efusivamente e olhou da maçaneta para ela e de novo para a porta.

Dez minutos depois, seguiam pelo lado oeste da casa em direção ao portão do jardim, que atravessaram rumo à estrada e ao campo além. Samantha enfim caminhava a passos largos, em estilo nada apropriado a uma dama, mas igualmente impenitente, enquanto Tramp saltitava ao seu lado e de vez em quando disparava atrás de algum esquilo ou pequeno roedor descuidado o suficiente para levantar a cabeça. Embora talvez não fosse falta de cautela, mas desprezo da parte deles, pois Tramp não chegava nem perto de localizar a presa.

Ah, era muito bom enfim respirar ar fresco, pensou Samantha, ainda que fosse filtrado pelo espesso véu negro que pendia da aba do chapéu preto. E era glorioso não ver nada acima além de espaço aberto, primeiro na estrada e depois na grama coberta de margaridas e botões-de-ouro dos campos que

adentraram. Era puro prazer permitir que seu passo se alongasse e saber que pelo menos por um tempo o horizonte era a única fronteira a contê-la.

Não havia ninguém para testemunhar sua imensa indiscrição, ninguém para arfar de horror ao vê-la.

Samantha ocasionalmente parava e colhia botões-de-ouro, enquanto Tramp brincava ao redor. Então, com o pequeno ramallete completo, voltou a caminhar a passos largos, uma sebe espessa de um lado, todas as belezas frescas da natureza esparramadas do outro, o céu se estendendo acima de sua cabeça com uma densa camada de nuvens através do qual ela podia ver o disco brilhante e difuso do sol. O véu esvoaçava à brisa vigorosa e levemente gelada, mas ela não sentia o desconforto do frio. Na verdade, o saboreava. Sentia-se feliz como não se sentia havia meses, talvez até anos. Ah, definitivamente anos.

Não se sentiria culpada por ter esse tempo só para si. Ninguém poderia dizer que ela não tinha dado ao marido toda a atenção possível enquanto ele vivera. E ninguém poderia dizer que não expressara seu luto de forma apropriada. Ninguém poderia sequer dizer que ficara feliz com a morte dele. Ela nunca, jamais desejou que ele morresse, mesmo nos momentos em que se perguntava se ainda tinha energia para tomar conta dele e ser paciente com sua rabugice sem fim. Tinha ficado genuinamente triste com a morte do homem com quem se casara apenas sete anos antes, com grandes esperanças de ser feliz para sempre.

Não, não se sentiria culpada. *Precisava* disso – desse prazer, dessa paz, dessa silenciosa restauração de ânimo.

Foi justamente quando estava tendo esses pensamentos tranquilos que sua paz foi destruída de modo súbito e alarmante.

Tramp acabara de voltar com o graveto que ela atirara para ele, e, quando Samantha se curvou para pegá-lo com uma das mãos enquanto segurava o ramallete na outra, pareceu que um raio desabou em cima deles, não os atingindo por um triz. Samantha gritou de terror, e o cão entrou em um desvario de latidos histéricos e saltos em todas as direções, derrubando-a. Os botões-de-ouro voaram em uma chuva de amarelo, e ela aterrissou no chão com um baque dolorido no traseiro.

Ficou atordoada, em um misto de dor e terror, e descobriu que o raio na verdade era um grande cavalo negro que acabara de saltar a sebe bem perto de onde estivera parada. O animal poderia ter seguido adiante, pois

parecia ter aterrissado de modo bastante seguro, mas os latidos e pulos de Tramp e talvez o próprio grito de Samantha o lançaram em um frenesi. O cavalo relinchava e empinava, os olhos revirando-se loucamente de medo, enquanto o cavaleiro lutava para se manter na sela e controlá-lo com considerável habilidade e todo um arsenal de impropérios de baixo calão.

– O senhor está *louco*? O senhor é completamente *insano*?

– Controle esse maldito animal, mulher. Diabo!

As perguntas retóricas de Samantha e a ordem imperiosa do homem foram berradas ao mesmo tempo.

Tramp estava defendendo seu território e latia ferozmente, alternando entre arreganhar os dentes e rosnar de maneira temível. O cavalo ainda corcoveava nervosamente, embora já não estivesse mais empinando.

Mulher?

Maldito animal?

Diabo?

E por que o homem não saltava da sela para ajudá-la a se levantar e se assegurar de que não lhe causara nenhum ferimento fatal, como qualquer cavalheiro de verdade?

– Tramp – chamou ela em tom firme, embora certamente não em obediência ao cavaleiro. – Já chega!

Um coelho escolheu aquele momento para aparecer no horizonte, orelhas apontadas para o céu, e Tramp disparou em alegre perseguição, ainda latindo e convencido de que poderia vencer a corrida.

– O senhor poderia ter me *matado* com seu salto irresponsável! – gritou Samantha, acima da barulheira dos animais. – O senhor é *mesmo* louco?

O homem montado no cavalo negro fitou-a com um olhar gélido.

– Se não consegue controlar esse arremedo patético de cachorro – disse ele –, não deveria trazê-lo aonde pode perturbar cavalos e gado e colocar vidas humanas em perigo.

– Gado? – Ela lançou olhares ostensivos à esquerda e à direita, para indicar que não havia nenhuma vaca ou touro à vista. – *Ele* colocou vidas humanas em perigo? A sua, suponho, já que a minha claramente não significa nada para o senhor. Permita-me fazer uma pergunta. Foi o senhor ou Tramp que, com despreocupação imprudente, decidiu saltar uma sebe sem primeiro checar se era seguro? E foi o senhor ou ele que jogou a culpa na

pessoa inocente que quase foi morta? E no cachorro que estava brincando feliz até quase morrer de susto?

Ela se pôs em pé sem tirar os olhos dele — e sem estremecer com o que ameaçava ser um cóccix contundido. Talvez tivesse sido bom ele *não* ter desmontado para ajudá-la, pensou, enquanto a ira tomava o lugar do terror. Ela teve vontade de estapeá-lo, mas isso com certeza era contra as regras de decoro de uma dama, principalmente uma viúva em luto profundo.

As narinas dele se dilataram enquanto a ouvia, e os lábios se comprimiram enquanto a olhava como se ela fosse um verme nojento que teria sido melhor que seu cavalo houvesse pisoteado.

– Acredito que não tenha sofrido ferimentos sérios, não é mesmo, madame? – disse ele com rígida formalidade. – Creio que não, já que é capaz de falar perfeitamente.

Ela estreitou os olhos e lançou-lhe seu olhar mais frio e arrogante, embora estivesse ciente de que a espessura do véu provavelmente estragava o efeito pretendido.

Tramp voltou correndo, sem o coelho. Havia parado de latir. Samantha pousou a mão na cabeça dele, que se sentou ofegante ao lado dela, olhando ansioso para o cavalo e o cavaleiro como se pudessem ser novos amigos.

Samantha e o cavaleiro fitaram-se por alguns instantes silenciosos, embora carregados de hostilidade mútua. Então ele manejou abruptamente o chicote até a aba da cartola, virou o cavalo e se afastou a galope sem mais palavras, deixando-a como a evidente vitoriosa do terreno.

Bem.

Bem!

O peito de Samantha ainda estava cheio de ira. *Mulher, francamente. E maldito animal. E diabo.*

Ele era um estranho – ela pelo menos achava que fosse, uma vez que nunca o tinha visto. Um estranho totalmente desagradável. Desejou com fervor que ele continuasse cavalgando para longe, bem longe, e que nunca mais voltasse. Não era nenhum cavaleiro, apesar de sua aparência sugerir o contrário. Cometera uma imprudência, com resultados que poderiam ter sido fatais se ela estivesse 2 metros mais para a direita. Sim, *ela e Tramp* eram os culpados. E, embora ele tivesse perguntado, ou melhor, *acreditado* que ela não sofrera nenhum ferimento, não descera da sela para descobrir

mais de perto. E então tivera o descaramento de supor que ela estava ilesa, já que ainda conseguia falar. Como se ela fosse uma *megera*.

Era realmente uma pena que a bela aparência, a elegância e o aspecto geral de virilidade fossem desperdiçados em um homem de tipo tão desagradável, frio, arrogante e vil. Ele *era* bonito, admitiu Samantha lembrando-se, ainda que o rosto fosse um pouquinho magro e anguloso demais para a verdadeira beleza. E era jovem. Ela supôs que não tivesse muito mais que 30 anos, se tanto.

Ele tinha um vocabulário impressionante, do qual ela quase não teria entendido nada se não tivesse passado um ano com o regimento de Matthew antes de o grupo ser enviado para a Península. E havia falado aquilo diante de uma dama – sem pedir desculpas, como os oficiais do regimento sempre faziam muito efusivamente ao perceber que haviam praguejado a 500 metros dos ouvidos de uma dama.

Ela esperava sinceramente nunca mais encontrá-lo. Senão, ficaria tentada a falar tudo o que lhe viesse à cabeça.

– Bem, arremedo patético de cachorro, nossa única incursão à paz e à liberdade quase terminou em desastre. Olhe só meu ramallete espalhado aos quatro ventos. Meu sogro me daria um sermão de duas semanas se ouvisse falar dessa aventura, em especial se soubesse que repreendi um cavalheiro em vez de baixar a cabeça docilmente e permitir que ele me repreendesse. Imploro que não deixe escapar uma palavra sobre isso para Matilda. Ela teria uma enxaqueca e uma dor de cabeça fortíssima ao mesmo tempo, quer dizer, isso depois de me censurar e escrever uma longa carta para o pai. Você não acha que eles estejam certos, acha, Tramp? Que não sou uma dama respeitável, quero dizer? Suponho que minhas origens deponham contra mim, como o conde de Heathmoor tinha o prazer de me informar com tediosa regularidade, mas francamente... *Mulher e diabo*. E você um *maldito animal*. Fui provocada. *Nós fomos*.

Tramp, pelo visto mais clemente que Samantha, acertou o passo ao lado dela e absteve-se de emitir opinião.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos
Ligeiramente pecaminosos
Ligeiramente seduzidos
Ligeiramente escandalosos
Ligeiramente maliciosos
Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada mais
Um acordo e nada mais
Uma loucura e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

